

CNI e IBEMEC dizem que haverá recessão

29 FEV 1988

CORREIO BRAZILIENSE

Rio — O primeiro trimestre do ano vai chegar ao fim repetindo as experiências do mesmo período dos dois anos anteriores: inflação crescente, produção e vendas internas em queda e a expectativa de novo congelamento de preços e salários para obter a curto prazo o que dois ex-ministros, acompanhados de dois choques econômicos, não conseguiram. O que pode resultar da política "feijão com arroz" do ministro Mailson da Nóbrega, em que a proteína necessária ao crescimento não entra? Um organismo econômico debilitado, propenso a recessões oportunistas e arriscado a conviver cronicamente com oscilações no termômetro inflacionário, respondem os economistas.

Duas instituições que acompanham a evolução dos indicadores econômicos — Instituto Brasileiro de Capitais e Confederação Nacional da Indústria — realizaram pesquisas, em dezembro do ano passado, para projetar o que esperavam do desempenho da economia para 1988. Eram pessimistas as previsões, a tal ponto que o vice-presidente do IBMEC, economista Paulo Guedes, chegara a afirmar que o Brasil "estava atolado" e o presidente do CNI, senador Albano Franco, demonstrava a preocupação do empresário com a perspectiva de hiperinflação com recessão.

Saiu Bresser Pereira, entrou Mailson da Nóbrega no Ministério da Fazenda e, junto com ele, ressurgiram os elogios de economistas e empresários para o "czar mor" da economia e as esperanças de retomada do crescimento, de controle do dé-

fícit público e de uma inflação domada. Mas, quase três meses depois, não mudaram as projeções do IBMEC e da CNI. As duas entidades, ao reavaliar as perspectivas para 1988, tendem a manter os cenários traçados ao final do ano passado, nada otimistas.

O IBMEC, por exemplo, conclui até meados de março seu relatório trimestral de previsões econômicas, centrando suas análises em um dos três cenários projetados ainda em 1987 — de "manutenção" do "status quo" como revelou o diretor da instituição, economista João Luiz Mascolo. Nesse cenário, em que a política econômica se restringe a tentativas de controle da inflação e do déficit público, visando um acordo de médio prazo com os credores externos, a inflação chega a 430 por cento ao final do ano, o PIB cresce no máximo 0,8 por cento e o produto industrial fica estacionado.

Nesse quadro, como constata o IBMEC, "o ambiente político teria um peso maior sobre a racionalidade econômica", e a austeridade das contas públicas seria dificultada. Assim, os cálculos do instituto leva, a uma taxa de crescimento de 250 por cento para a base monetária e indicam a maior probabilidade de o Governo recorrer a congelamento de preços e salários, no "intuito de tentar interromper a cota de hiperinflação, como foi o caso do Plano Cruzado e do Plano Bresser".

As condicionantes que fundamentam as projeções de médio prazo a serem concluídas pelo IBMEC ficam mais nítidas ao se avaliar a análise de conjun-

tura do relatório mensal de fevereiro de previsões de curto prazo da instituição. "Com a divulgação da taxa de crescimento da produção industrial de 1987, de 0,90 por cento, inferior às previsões mais pessimistas que se situavam em torno de 1 por cento, confirmou-se definitivamente a forte desaceleração que vem marcando o nível de atividade na economia brasileira a partir de julho do ano passado", diz o relatório.

Agravada pela perda de salário real, mais constante quanto mais elevada a inflação, a demanda do setor privado tende a ficar cada vez mais contida, avalia o IBMEC, e justifica a desaceleração da produção industrial, pelo menos até o final do primeiro semestre, também com a elevação das taxas de juros (inibidoras dos investimentos) e com as incertezas do ambiente político e econômico.

Se as previsões do CNI diferem em alguns números das realizadas pelo IBMEC, não deixam, no entanto, qualquer visão alentadora para o desempenho econômico brasileiro em 1988. A CNI elaborou dois cenários em dezembro, mas é o segundo — aquele que levanta indicadores mais pessimistas — o que vem se confirmando nesse início de ano. Segundo o documento, a necessidade de realinhamento dos preços relativos, "característica de economias com taxas de inflação da magnitude da brasileira", e o temor de um novo choque, que impulsiona a elevação defensiva dos preços, podem levar a inflação mensal novamente à casa dos 25 por cento ao mês.

E nesse contexto, complementa a CNI, "um novo choque poderia se tornar uma profecia autorrealizável, pois, apesar dos fracassos anteriores, é impraticável a manutenção de um mínimo de organização do sistema produtivo com taxas mensais de inflação estabilizadas em mais de 20 por cento ao mês ou 800 por cento ao ano". Mesmo admitindo instrumentos heterodoxos para estancar a elevação dos preços em um primeiro momento, a Confederação lembra a necessidade das medidas clássicas — rigoroso controle da política fiscal — para que qualquer alteração na economia produza resultados.

PREVISÕES DA CNI E DO IBMEC PARA 1988

AS PREVISÕES DA CNI E DO IBMEC PARA 1988

VARIÁVEL	CNI	IBMEC
PIB (TAXA DE CRESCIMENTO - %)	1,0	0,8
INDÚSTRIA (% CRESCIMENTO)	0,5	0,0
SALDO DA BALANÇA (US\$ MILHÕES)	9.400	12.100
INFLAÇÃO ANUAL (% DE VARIAÇÃO)	430	400